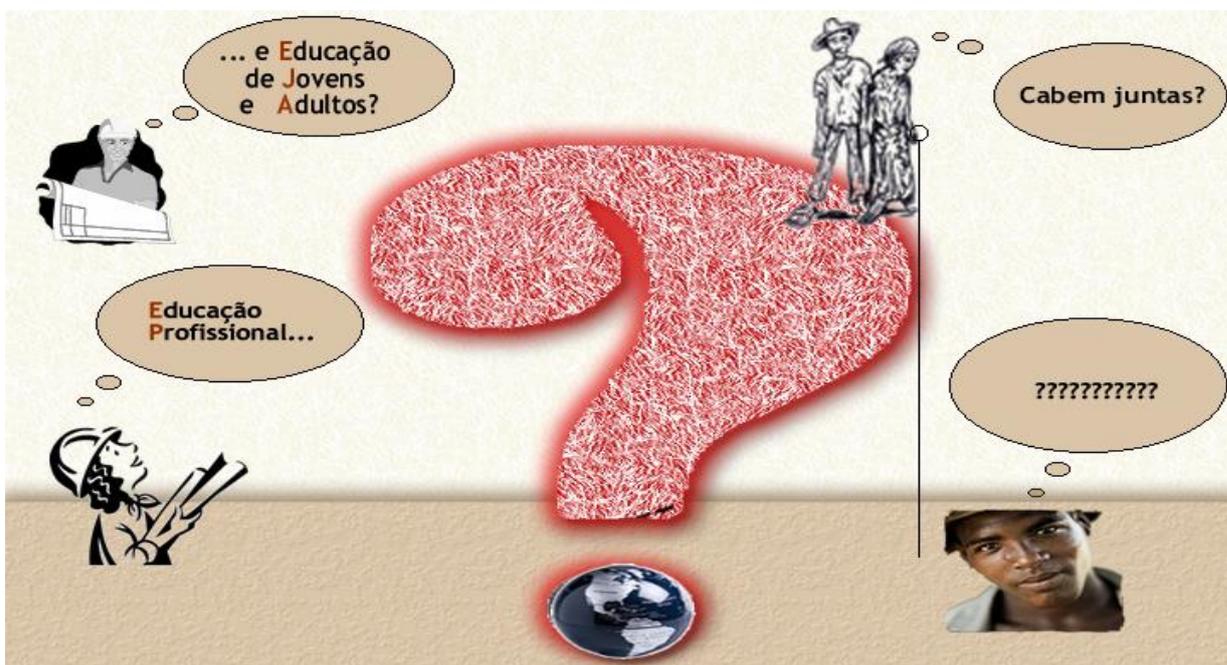


I Seminário de pesquisa: Desafios da integração entre educação de jovens e adultos e educação profissional



RELATÓRIO

Cefet/GO – Auditório Julieta Passos
Goiânia - 06 e 07 de março de 2008

**Relatório do I Seminário de Pesquisa: Desafios da Integração entre Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional.
Auditório Julieta Passos – CEFET/GO
06 e 07 de março de 2008.**

Realização

Subprojeto 1: A constituição da Educação Profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – experiências do Proeja em Goiás.

Apoios

Universidade Federal de Goiás (UFG), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (CEFET/GO) e Ministério da Educação/Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (ME/SETEC).

“não há nenhuma atividade humana da qual se possa excluir qualquer intervenção intelectual – o Homo faber não pode ser separado do Homo sapiens.” (Gramsci)

O relatório do I Seminário de Pesquisa com a temática “DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO ENTRE JOVENS E ADULTOS E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL” estrutura-se da seguinte forma: uma breve contextualização do seminário e objetivos. Na sequência, as ponderações dos componentes da mesa da abertura oficial, posteriormente, as exposições da conferencista e componentes das mesas redondas, bem como o registro dos debates que aconteceram e, por último, alguns anexos contendo lista dos municípios presentes, relatos dos alunos e registro da experiência da aceleração na EJA do Distrito Federal.

Contexto do Seminário

O Projeto de Pesquisa: PROEJA indicando a reconfiguração do campo da Educação de Jovens e Adultos com qualificação profissional – desafios e possibilidades, financiado pelo Programa de Apoio ao Ensino e à Pesquisa Científica e Tecnológica em Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos da CAPES envolve a troca de conhecimentos e ações nessa área entre o Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (CEFET-GO), a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE – UFG), Departamento de Educação da Universidade Católica de Goiás (DE – UCG) e a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE – UNB).

Esse I Seminário de Pesquisa intitulado: Desafios da Integração entre Educação Profissional é uma realização do Subprojeto 1 “A constituição da Educação Profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – as experiências do PROEJA em Goiás” desenvolvido pelo CEFET-GO e pela FE-UFG tem por objetivo refletir e apontar diretrizes para a integração entre Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional.

Abertura Oficial

A mesa de abertura oficial dos trabalhos foi composta pelo professor Paulo César Pereira, Diretor Geral do CEFET/GO, pela professora Maria Margarida Machado, Coordenadora do Subprojeto 1, pelo professor Ged Guimarães, Diretor da Faculdade de Educação/UFG e Julieta Lemes, técnica, representante do Ministério da Educação/MEC.

Os componentes da mesa, inicialmente, saudaram a todos os participantes enfocando a importância do evento para reflexão e construção da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional.

O professor Paulo César Pereira enfatizou em seu discurso a seriedade e compromisso das instituições empenhadas em desenvolver o projeto de integração. Em sua opinião o maior desafio é romper com o preconceito e equívocos que vários projetos educacionais vêm impondo à sociedade ao longo da história. Por último, parabenizou os organizadores (as) do encontro e revelou sua satisfação, como Diretor do CEFET/GO, em estar contribuindo com esse tipo de evento que tem como marco um espaço que busca reflexão, socialização e construção do processo de integração da Educação de Jovens e Adultos com a Educação Profissional.

A professora Maria Margarida Machado/UFG registrou os esforços para a organização do I Seminário e enfatizou que a expectativa maior é o que será possível construir a partir desse encontro, debates e trocas de experiências que irão contribuir para a efetivação do projeto da Educação de Jovens e Adultos, com a perspectiva da Educação Profissional. Encerrou suas considerações agradecendo a equipe que trabalhou para a consolidação do Seminário.

O professor Ged Guimarães/UFG saudou a todos os presentes, especialmente os organizadores do encontro, e afirmou que o trabalho de uma instituição pública deve buscar constantemente seriedade e compromisso com a sociedade. Em sua opinião, todo trabalho constrói o novo; nesse sentido, faz-se necessário enfrentar as próprias dificuldades internas e também as externas e vencê-las todos os dias. Desejou a todos boas discussões com a possibilidade de concretização posterior, nas instituições.

Por último, Julieta Lemes, do quadro técnico da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC/MEC, cumprimentou os presentes enfatizando a importância do momento, sobretudo por causa da presença dos envolvidos na prática da realização do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos/PROEJA.

Na seqüência, a representante da SETEC passou a expor as ações e valores repassados por aquela secretaria, de 2005 a 2007, para viabilizar o programa. Informou que o PROEJA é coordenado pela SETEC/MEC.

A garantia de descentralização orçamentária para as instituições federais de educação profissional e tecnológica, na expectativa de implantação inicial de cursos do PROEJA, teve como repasse o valor aproximado de R\$ 8.000.000,00. Para o convênio 2006 com os estados, objetivando a implementação de cursos PROEJA, foi repassado um valor aproximado de R\$ 1.300.000,00.

Para assegurar a formação a profissionais em nível de pós-graduação lato sensu, aproximadamente R\$ 10.000.000,00 foram repassados. Para atender diretamente aos educadores, foi realizada uma Chamada Pública (02/2007) tendo como meta a formação continuada com cursos de 120 e 240 horas. O valor repassado foi de aproximadamente R\$ 3.600.000,00. A partir do Edital da Coordenação - Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior /CAPES e PROEJA, pesquisa em rede, em estágio de pós-graduação

strictu sensu, foram destinados R\$ 3.600.000,00 para os quatro anos, em apoio a nove projetos espalhados pelo Brasil.

Monitorado pelo PROEJA, desenvolveu-se um Projeto de Inserção Contributiva nas Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica com alto índice de evasão. Nesse sentido, foram repassados R\$ 2.319.328,63 no intuito de uma descentralização orçamentária para apoiar tais instituições, 21 escolas, direcionando recursos na tentativa de solucionar o problema da evasão.

No término de sua exposição, a representante da SETEC apontou uma projeção para esse ano e para o ano 2009, com mais formação continuada diretamente para os educadores do PROEJA, com carga horária de 120 a 240 horas, também para os municípios, a partir de Chamada Pública. Especialização PROEJA, na expectativa de ampliação dos pólos. Fomento à pesquisa, acompanhamento maior aos espaços do PROEJA com problema de evasão. Dentre outras projeções pensadas estão: articular mais formação/PROEJA em todos os Estados e incentivar mais organização de seminários como esse, assegurando espaço de debates, formação e trocas de experiências para consolidação do PROEJA.

Julieta terminou ressaltando um desafio da SETEC/MEC que é a ampliação da equipe de trabalho do PROEJA no Ministério da Educação. Agradeceu a oportunidade da exposição.

Em seguida, desfez-se a mesa de abertura; a professora Maria Margarida permaneceu e apresentou, inicialmente, a dinâmica do encontro e saudou todos os municípios presentes no Seminário (anexo I). Na seqüência, convidou a conferencista professora Jane Paiva da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ, apresentou seu currículo e enfatizou que sua grande formação tem sido na construção e organização dos fóruns de EJA. Foi fundadora do primeiro Fórum de EJA no Brasil, cidade do Rio de Janeiro, o que impulsionou o surgimento de tantos outros, chegando hoje a mais de 26 fóruns estaduais e mais de 40 regionais e, ainda, o fórum do Distrito Federal. A professora Margarida sinalizou a importância da professora Jane nesse Seminário, lembrando a contribuição significativa dessa professora tanto na discussão inicial da necessidade da aproximação da educação de jovens e adultos com a educação profissional, como na construção do documento base do PROEJA com todas as orientações pertinentes ao desenvolvimento do referido projeto.

A professora Jane Paiva/UERJ proferiu a Conferência intitulada: Educação como Direito, abordando os seguintes tópicos, sinteticamente:

- o direito visto como uma construção desde as reformulações internacionais, historicamente constituídas, até como os programas e as práticas vinham tornando realidade a perspectiva do direito;
- como mote de reflexão para desenvolver sua idéia sobre o tema, utilizou a música do Raul Seixas (Gita), “[...] o filho que ainda não veio ... [eu sou] o início, o fim ... e o meio”;

O início ...

- seria a origem da perspectiva de direito à educação, o fim seriam as políticas públicas, programas e projetos, suas concepções e objetivos. O meio, o desafio do Seminário, o pensar a perspectiva do currículo integrado e as práticas que estão sendo desenvolvidas para dar consequência de fato a idéia do direito à educação;
- o PROEJA, traz um campo novo de confirmação e produção de conhecimento, relacionando a Educação Profissional à Educação Básica na modalidade da Educação de Jovens e Adultos;

- no contexto de Brasil, a forma mais intensa de educação como direito revelada no país, a partir do pensamento de Anísio Teixeira, década de 1930, a educação não como privilégio, mas como direito;
- direito e condição democrática são processos históricos de luta e conquista da igualdade, temas em disputa;
- na história desde o período imperial apresenta-se esse panorama de disputa e conquistas, ou não, desse direito entre alfabetizados e não alfabetizados, incluídos e excluídos;
- a negação e exclusão de jovens e adultos do direito, desde a infância, do tempo escolar e do tempo de ser criança; é também uma premissa para pensar o direito à educação como uma condição cidadã;
- direito humano fundamental aparece enunciado pela primeira vez na Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948. O autor Bobbio observa que os direitos não começam e nem são todos conquistados de uma vez;
- na perspectiva internacional do direito à educação, percebe-se uma evolução dos conceitos desde a alfabetização até a educação básica, na tentativa de assegurá-lo desde o nascimento até pelo menos o ensino médio;
- essa construção vai se fazendo pelo texto da lei, mas também pelas mobilizações e pressões dos movimentos sociais que vão apontando as reais necessidades da população;
- do ponto de vista da EJA, esses conceitos também vêm imbuídos de uma concepção de educação permanente mas com a visão tecnicista da década de 1970, que previa uma formação constante para alimentar o mercado de trabalho, evoluindo para educação continuada no sentido do aprender por toda a vida, discutida na V Conferência Internacional de Educação de Adultos em 1997;
- esses conceitos e concepções vão se propagando por vários projetos e muitas vezes vão se fragilizando e destoando dos conceitos originais, tendo como exemplo, projetos que apresentam o compromisso com o direito à educação sustentados no pensamento de Paulo Freire, e quando observados mais profundamente na organização do currículo ou na conferência de suas práticas, muitas vezes não passam de uma retórica, pois não assumem uma condição de igualdade e nem promovem uma revisão das relações de opressão, como de fato sustenta uma abordagem Freireana;
- ainda na perspectiva internacional do direito, do ponto de vista da América Latina, pela similaridade de identidade e condições históricas, o Brasil e demais países da América Latina chegam à construção muito próxima sobre esse sujeito da Educação de Adultos até a década de 1970;
- a aproximação da América Latina e outros países, pobres que vivem os mesmos problemas, representantes dos continentes asiático e africano ajudam a reconfigurar esse sentido do direito à educação, bem como a pensar quem são esses sujeitos desses direitos.

O fim...

- o que leva o direito à educação pensar o fim? O cenário do Brasil e seus marcos legais, iniciando-se pela Constituição Federal de 1988, artigo 208, que estabelece direito de todos à educação, independente da idade, o que representou um marco, pois esteve fora da legislação desde a Constituição de 1934;
- a Lei de Diretrizes e Base da Educação/LDBEN, Lei 5.692 /1971, assegurava o ensino de primeiro grau para crianças de 7 a 14 anos, a escola dos bem

- sucedidos. Aqueles que porventura não conseguiam cumprir com sucesso e passando dos 14 anos, concediam ao Estado o direito de excluí-los da escola;
- a condição de não direito arrastou-se desde 1934 até 1988;
 - a LDBEN nº 9.394/96 prosseguiu com essa idéia do direito. Nos artigos 37 e 38, o Estado aparece como indutor da educação básica com uma indicação para a universalização do ensino médio. A população que não teve o atendimento escolar no tempo “próprio”, aponta-se uma modalidade de ensino que atenda às especificidades dos jovens e adultos trabalhadores;
 - o Plano Nacional de Educação/PNE-2000 também caminhava nessa perspectiva do direito à educação, mas os vetos tornaram-no praticamente sem efeito;
 - nesse mesmo ano o Parecer do Conselho Nacional de Educação/CNE contribui revelando toda a discussão da modalidade de ensino e a possibilidade desses indivíduos obterem uma reparação do direito, tantas vezes negado socialmente;
 - a complexidade de pensar o direito muitas vezes retoma concepções, sentidos e práticas já superadas, mas essas terminam por transitar com novas idéias inseridas em programas que se faz com o direito e, esse, não pode ser tomado como oportunidade ou chance renovada e sim como condição básica do exercício da cidadania;
 - pós- Hamburgo, duas vertentes na reconceitualização da EJA: a da escolarização, direito à educação básica para todos e educação como direito humano fundamental. A outra vertente da educação continuada significa aprender por toda a vida, envolvendo direitos sociais, educação ambiental, gênero, etnia, educação para trabalhadores, formação continuada para professores;
 - o sentido da tutela do Estado é preocupante, sobretudo por se creditar toda política de educação a ele, sem que a sociedade assuma sua parte em fazer garantir o direito. Os modelos têm revelado, historicamente, formas de programas ou projetos que passam sem consolidar o direito;
 - o Estado precisa ser visto como potente articulador de políticas e a sociedade atenta e mobilizada, a fim de fazer valer os direitos de forma geral;
 - o financiamento público não pode ser visto como dádiva, mas responsabilidade do estado para com os contribuintes de impostos do país. O atual FUNDEB aparece como uma possibilidade de minimizar problemas que o FUNDEF tinha estabelecido, inclusive interferindo nas condições e direito de todos à educação;
 - o sentido das parcerias também vem fazendo parte dessa busca do direito à educação. Na concepção atual, essa parceria é caracterizada de forma que ambos têm poder de discussão e construção em conjunto de projetos;
 - os Fóruns, espalhados pelo Brasil, com sua identidade como movimento social, têm contribuído para fazer esse atual sentido da parceria e têm assegurado o diálogo com as forças políticas que representam o fazer da EJA nas esferas municipais, estaduais e federal e conseguido trabalhar pelo direito;
 - a relação do público com o privado na construção das condições de educação no país é histórica e, muitas vezes, percebeu-se apropriação do público pelo privado. Na EJA o sistema ‘S’ tem sido o interlocutor do privado e quase sempre tem desenvolvido a oportunidade à educação com concepção própria, utilizando recursos públicos sem dialogar com o Estado;
 - a EJA hoje representa um campo político em disputa pelo direito, embora a partir de 2003 mudanças ocorreram minimizando as tensões, mas muito a sociedade tem que mobilizar muito para garantir o direito que ainda não veio;

- a EJA ainda, tem frágil incorporação aos instrumentos legais como por exemplo, os planos municipais e estaduais de educação, e também às instâncias de orçamentos e sistemas públicos;
- as políticas públicas têm sido feitas, quase sempre, a partir de programas marcados pela efemeridade, pois não são inseridos de forma orgânica no sistema. Não há pressão popular no sentido da consolidação como políticas públicas;
- o PROEJA consegue avanços do ponto de vista do enraizamento de uma outra cultura, estabelece relações entre entidades que antes não dialogavam e ajuda a produzir um espaço novo de conhecimento. Esse seminário é exemplo, na busca da construção do direito.

E ... o meio?

- práticas pedagógicas cotidianas que fazem a EJA e a escola;
- as questões que desafiam: na escola a educação é tratada como direito? Modos de organizar a oferta, os tempos de aprendizagens, os sujeitos de aprendizagens, a produção do currículo têm concorrido para a construção do direito?
- pensar os sujeitos de aprendizagens na EJA é voltar o olhar para os alunos e professores. E como professores, o importante é aprender como os alunos produzem o conhecimento e como eles aprendem;
- aprender no sentido da construção social dos alunos é ir além da dinâmica da escola. É o que faz os professores serem sujeitos de aprendizagens;
- pensar o sujeito aluno é perceber suas identidades, a cultura das juventudes, as trajetórias descontínuas, a expulsão da escola regular. É, enfim, analisar o mundo do trabalho e seus saberes;
- a concepção de formação continuada dos professores deve partir da prática pedagógica;
- a necessidade de conceber uma nova concepção de currículo e construí-lo com todos os envolvidos no processo de aprendizagem;
- voltar sempre a perspectiva do aprender por toda vida no sentido de perceber que nenhum conhecimento dá conta do amanhã. A cada dia novos conhecimentos exigem de nós novas aprendizagens;
- os percursos formativos da educação como direito passa pelo debate do formar, versus informar. Exige da escola um processo de formação crítica diante da gama de informações disponíveis no mundo;
- ressignificar a cada dia a prática do ser educador, do dizer e fazer freireano, pois vivenciar essa prática exige compromisso com o aprender de todos, com o exercício da democracia. Não se garante direito numa escola autoritária;
- aprender como meta é maior que certificar, embora seja legítimo o direito da certificação. Mas é preciso consolidar a educação como direito;
- questão final: como o PROEJA pode contribuir para fazer, na prática, educação como direito?

Debate

Participação I – Mauro /pedagogo- CEFET (Inhumas)

- A questão da educação continuada, essa educação continuada está ligada ao racionalismo do neoliberalismo? Como poderíamos discutir em torno da concepção do mundo do aluno. Como fazer para ele perceber a importância das suas experiências e seus saberes?

Participação II – Sebastião/educador- CEFET (Goiânia)

- O que seria ser Freireano na prática pedagógica? Como ser Freireano em situações reais na escola?

Participação III – Aldimar/ educador-UCG (Goiânia)

- A partir da década de 1980, considerando que entramos num processo de exclusão no próprio interior da EJA, tem-se defendido o direito dentro da EJA ou o direito dentro da Educação Fundamental. Mas quando esse jovem está transitando nesse processo, acaba-se por esquecê-lo enquanto sujeito de direito e não se trabalha com ele. Será que esse fato não contribui para a perda desse direito ou minimiza a condição do direito desse sujeito?

Participação IV – Renato/educador- UNB (Brasília)

- Resgata o papel de Anísio Teixeira na educação – educação como direito e não como privilégio, defendida também pela escola nova. Anísio Teixeira, preocupado com a pesquisa, criou o INEP e CAPES. No Brasil dos anos 1950, Anísio escreveu um artigo trabalhando a questão dos valores reais e valores proclamados na educação brasileira. Mostrava que entre o fazer na escola e as normas de orientação existia uma grande diferença. Assim, será que na atualidade existe uma ligação entre o proclamado e o real? Com relação às descontinuidades dos programas e projetos e a não opção do Estado pela organicidade da política pública. Como você vê o papel dos Fóruns e da organização popular no sentido de assumir o Estado em função de uma política de educação de direito para todos e, particularmente, para a educação de jovens e adultos?

Conferencista

- A educação continuada mencionada não está associada ao aprender a aprender do neoliberalismo. A concepção defendida insere-se no processo de aprendizagem por toda a vida. Significa aprender sempre, como a própria condição de se fazer humano. A idéia desse aprender por toda a vida é uma condição inerente ao sujeito, não numa lógica de mercado, mas um aprender a ser mais no sentido Freireano, nessa condição de humanização. Nesse sentido, no trabalho com a EJA, seja no PROEJA ou em qualquer outra forma de oferta, faz-se necessário buscar a idéia de que o mundo não está pronto, mas é preciso construí-lo em conjunto. Assim, o conhecimento não é dado a esse sujeito porque está faltando algo a ele, mas é direito dele ter acesso a todo tipo de conhecimento. Embora a escolha de conteúdo seja comumente arbitrária, a proposta é que seja o menos possível, assegurando um diálogo desse conteúdo com a realidade dos sujeitos. Essa é uma proposta de educar para a emancipação.
- Minha preocupação em pensar no sentido Freireano está na questão do processo de aprendizagem. Como romper com essa lógica atual da escola? Como posso pensar numa escola que precisa refletir os saberes que os alunos já trazem? Pensando no sentido Freireano, como ver os lugares dos saberes, como organizarmos os saberes, como conduzi-los, nos tempos, horários e disciplinas, todo o processo de aprendizagem? E nesse sentido estabelecer uma relação democrática, considerando as experiências dos sujeitos e os conhecimentos pertinentes à escola. Como tornar a escola mais significativa?
- Há um débito da escola básica para com os sujeitos. Essa é uma luta que a EJA tem travado com o sistema educacional, pois a escola básica não tem concedido

acesso e permanência com sucesso para esses jovens. Jovens e Adolescentes têm passado pela escola e não conseguem dar continuidade. A responsabilidade é possibilitar o atendimento como direito e promover uma reflexão no ensino fundamental, na perspectiva de mudar esse quadro da descontinuidade dos sujeitos na escola, assegurando a permanência do educando.

- Na recuperação do pensamento de Anísio Teixeira é possível perceber que hoje temos avançado no discurso da EJA, numa concepção de direito, mas as práticas ainda continuam sendo um desafio. Como fazer uma prática inovadora numa estrutura pronta e acabada como temos? Faz-se necessária muita militância para fazer acontecer as mudanças. É preciso mergulhar nos fazeres dos Fóruns para perceber as práticas desenvolvidas, perceber os caminhos percorridos, as construções desenvolvidas, enfim, já é tempo de se pensar em uma pesquisa que possa mostrar essa atuação. O edital CAPES/SETEC aparece como uma possibilidade real de repensar o sistema educacional no sentido de política pública.

Participação V – Mad’Ana/ educadora – CEFET (Goiânia)

- A rede federal tecnológica tem construído condições para assegurar o direito à educação de qualidade, na perspectiva da equidade. Para o PROEJA é somente com uma formação integrada EJA/ EP que será possível garantir esse direito proclamado. A EJA trouxe o conhecimento e a prática das inovações pedagógicas para EP. A EJA, ao unir-se com EP, não pode perder sua concepção fundante que é essa inovação pedagógica, que muito tem contribuído no pensar dos sujeitos em processo de formação. O conflito advindo do conhecimento geral com o profissional traz qualidade para o processo de formação. Por isso é imprescindível o currículo integrado.

Participação VI – Sebastião/ educador – CEFET (Morrinhos)

- O depoimento de um dos alunos do PROEJA-agroindústria de Morrinhos demonstra a importância e a credibilidade depositada no curso. Ainda é um processo em construção, mas já temos depoimentos de que o curso contribui na transformação de suas vidas. O número de professores de Morrinhos presentes nessa discussão também demonstra estarmos buscando juntos essa construção. Sabe-se que não é com decreto se que muda a prática pedagógica, mas com a força, unidade e a disposição para discussão e mobilização que será possível fazer o PROEJA tornar-se uma política de Estado.

Participação VII – Miguelângelo/coordenador e Luciano/orientador educacional – Centro de Ensino Médio III (Brasília)

- Denúncia do programa do Governo do Distrito Federal/GDF, intitulado EJA acelerado(anexo II), que traz a exclusão da juventude por dentro, colocando os jovens de frente para uma televisão e os professores como meros monitores. Esse momento de discussão contribui para o fortalecimento da luta dos professores do GDF contra esse tipo de ação arbitrária e projeto reducionista do governo que não tem demonstrado compromisso com o direito de todos a uma educação de qualidade.

Conferencista

- A perspectiva do conceito do direito é sempre uma evolução histórica. Falar em educação permanente é um paradigma do tecnicismo. É preciso refletir nas mudanças, em função dos momentos políticos, dos aportes que as realidades vêm trazendo para a sociedade, até porque a própria sociedade apresenta um

campo de disputa e exigência dos direitos de todos e, hoje, de uma educação para a vida toda.

- A modalidade de EJA pode sim contribuir com sua experiência pedagógica nessa perspectiva de unificação e quem sabe no futuro auxiliar no pensar de outros níveis de ensino.
- O PROEJA apresenta-se como um desafio instigante na perspectiva de encontrar o desenho em que cada um possa viver sua realidade em seus estados e municípios, na busca da crítica constante do fazer formação.
- Enquanto a gente consegue avançar em algumas formulações, o modelo do telecurso, que é comprovadamente antigo, se reedita em Brasília e contrapõe ao que vários estudos e pesquisas já demonstraram. O ensino com recurso tecnológico é possível, desde que tenha assegurada a presença do mediador, pois a experiência do aprender é essencialmente humana.
- A experiência do PROEJA é extremamente significativa no sentido de sinalizar um outro momento de direito com a expectativa da integração EJA/ EP e assegurar possíveis caminhos para uma parcela expressiva desse país.

Das 20h às 22h – Sessão de Filmes – Projeto Vídeo na Escola da Rede Municipal de Ensino de Goiânia.

Títulos: - A EAJA

- O Desconhecido
- O que é que a feirinha tem?

07/03 (manhã) – Apresentação Cultural:

Violão - Felipe Nakagima, ex-aluno do CEFET-GO

Voz e Violão - Edson Roberto Rodrigues Sales, professor do PROEJA/CEFET-GO

Mesa redonda: O PROEJA como política pública

A composição dessa mesa teve a seguinte organização: a coordenadora professora Míriam Fábria Alves, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás/UFG e os expositores: professora Maria Aparecida Ciavatta Pantoja Franco, da Universidade Federal Fluminense/UFF, o professor Dante Henrique Moura, do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte/CEFET-RN, e a professora Jacqueline Maria Barbosa Vitorette, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás/CEFET-GO.

Exposição I – Prof^ª Maria Aparecida Ciavatta/ UFF

- Contexto do capitalismo, alguns grandes problemas pontuados: tempo intenso de trabalho frente a uma tecnologia que poderia indicar uma mudança na jornada de trabalho; falta de mão-de-obra qualificada para funções mais especializadas, baixa escolaridade da população; analfabetismo ainda marca a existência de muitos. A elite já concebe a idéia da educação integral de forma sistêmica, mas não no preconizado pela LDB ou na concepção de muitos educadores que defendem a integração na dimensão da emancipação;
- como educar nesse mundo? O PROEJA é um estímulo na perspectiva da defesa da educação integrada, embora necessite de uma luta, no sentido de consolidá-lo como política, para não ser mais um paliativo, entre tantos projetos impostos

historicamente pelos governos. A grande defesa necessária é a universalização do ensino médio. É preciso pressionar o governo para essa ação;

- que ciência e que tecnologia são necessárias na escola? Atualmente a imagem é bastante enfocada, mas é preciso buscar outros elementos para consolidar o conhecimento. Os livros, as leituras, ainda devem ser difundidos e evidenciados na escola;
- a formação integrada, posta na Lei 5.154/04, é a possibilidade da realização de um trabalho em conjunto, coordenado, afinado, o que não é fácil, e não se faz por decreto;
- o desafio do PROEJA é aproveitar as vivências dos jovens e adultos, na sua grande maioria trabalhadores, para integrar e construir o conhecimento sem o modelo de uma grade curricular;
- um projeto de política pública tem que ter lei para garantir a idéia de uma concepção democrática no processo de organização e, assim, assegurar o pressuposto orçamentário para sua continuidade;
- o trabalho do professor é sempre buscar respostas à questão: como são e como aprendem os alunos? É necessário refletir e compreender toda essa situação atual e produzir conhecimento, nessa relação professor /aluno;
- pensando sobre os fins da educação, a tradição nos legou que essa acontece para transferir conhecimento. Mas a educação é a possibilidade de, socialmente, interferir na sociedade; se assim não fosse, o Estado não estaria preocupado com a educação. Quando ele não segura por meio dos recursos, ele controla as ações dos professores com avaliações rotineiras;
- desafios da educação para a formação de professores de educação profissional e tecnológica, integrada à formação geral;
- sobre a questão substantiva da integração, Celso Costa da Fonseca mostra a separação da formação tecnológica da educação básica. Suas idéias retratam historicamente essa separação. A luta da educação integrada tem sua expressão na educação socialista, e no Brasil, com a visão politécnica, foi duramente difamada como ação comunista. O poder constituído sempre impõe essa separação. Isso é de interesse dos empresários. Então a luta é superar uma ordem de classe discriminatória e aproximar os alunos das várias ciências e estudos acumulados pela sociedade. Os CEFETs são os que fazem o melhor nesse país;
- refletindo nas bases e diretrizes para a formação do professor, é importante identificar a necessidade material e humana, perceber a velocidade das mudanças tecnológicas e fazer desse aspecto um instrumento de crítica na escola. E essa escola precisa ser pensada como um lugar de memória e de debate;
- o conhecimento é essencial: a parte e o todo;
- a questão epistemológica da organização curricular, aponta uma dificuldade da relação das ciências sociais com as exatas. A educação faz parte desse universo mais complexo, pois tem que visualizar não somente variáveis, mas as relações travadas entre o meio e entre os próprios homens. Essa questão é posta para reflexão das ciências sociais;
- infelizmente muitos educadores hoje têm trilhado o caminho do pragmatismo, preparando o aluno para o mercado do trabalho. Para Hobsbawm, no século do conhecimento, é necessário buscar um conhecimento alargado. Superar o pragmatismo é o grande desafio para quem está construindo a escola integrada, pois exige formação específica, mas sem deixar o todo;

- a pedagogia das competências para o mercado, hoje se reduziu à idéia da competência somente para as funções do mercado;
- o pensamento crítico e dialético pretende ressignificar a noção de competência. Atribuir um sentido que atenda aos interesses dos trabalhadores;
- estudo sobre a realidade educacional italiana traz a base da educação profissional: educação básica média obrigatória, pública, gratuita e de qualidade para toda a população (até os 18 anos);
- o percurso de formação integrada na Itália é parecido com o do Brasil. É também como opções e não algo imposto, exigindo uma adesão do professor. No Brasil, a educação tem buscado a prática operacional do trabalho para a prática teórica da formação geral. Na Itália partem da escola humanística, livresca, para a formação teórico-prática para o trabalho;
- a Itália também vislumbra a idéia do conhecer para saber fazer. Buscam a inovação nos processos de aprendizagem, uma intensa formação dos professores, assim como aqui no Brasil os CEFETs tem procurado desenvolver essa formação;
- o currículo mínimo nacional e a formação profissional regional apresentam a forma de organização italiana, mais descentralizada que no Brasil;
- experiência italiana da co-presença de professores em sala de aula de ensino técnico, trabalhando o currículo integrado. Os dois professores assumem um tema e trabalham em conjunto;
- sistema de tutoria na Itália, para que o aluno seja ajudado. Essa experiência também foi desenvolvida no México, na perspectiva de contribuir para com o aluno em defasagem;
- a fragilidade do corpo docente: os contratos temporários, como aqui no Brasil. O professor nessas condições não tem tempo de consolidar uma metodologia, além de não ter assegurada a continuidade de seu trabalho.

Exposição II – Profº Dante Henrique Moura/ CEFET-RN

- Questões como ponto de partida: Educação para qual sociedade? EJA para quais sujeitos e para qual sociedade? EJA integrada com EP a partir de qual concepção de educação básica, de EP e de trabalho?
- o PROEJA nasce na negação dele enquanto programa e na luta pela afirmação como política pública;
- na análise dos projetos societários em disputa no Brasil a educação apresenta-se muita mais voltada para o ensino médio propedêutico do que para o ensino profissional, dissociada do mundo da vida do sujeito que, com certeza, será essa formação que irá vivenciar após o término do ensino médio. De acordo com os dados do INEP/Censo Escolar 2005, o ensino médio total tem uma matrícula de 10.748.894, enquanto a educação profissional, em nível médio, tem uma matrícula de 707.263;
- o ensino médio privado substitui a visão integral da formação por apenas uma das dimensões da vida: a formação para o ensino superior. E na escola pública não consegue reproduzir o que o ensino privado desenvolve, e também não consegue formar para o mundo do trabalho;
- cerca de 90% dos jovens brasileiros estão na escola pública e 10% nas instituições privadas. Esses terão as vagas nos cursos mais concorridos das melhores universidades públicas e os 90% entrarão nos cursos menos concorridos, ou pagarão o ensino superior, ou nem sequer chegarão na universidade, como é o caso da grande maioria;

- buscar o ensino médio, um sentido juntamente com a sua universalização, é o grande desafio para assegurar o direito de todos. Esse sentido passa pela integração entre o ensino médio e a educação profissional, na perspectiva da construção de uma formação efetivamente politécnica;
- outro projeto de sociedade é possível. Um projeto cuja centralidade esteja nos seres humanos e em suas relações com a natureza. Na solidariedade ao invés da competitividade;
- o papel da educação nessa (re)construção é potencializar uma concepção de formação humana integral, na qual o trabalho, ciência, tecnologia e cultura sejam categorias indissociáveis;
- alguns aspectos históricos para compor o cenário em que surge o PROEJA. Numa sociedade escravocrata, a valorização da EJA só foi acontecer a partir de 1940. Com toda a mobilização social e pressão aos governos é que vai sendo possível à EJA ser considerada como modalidade de ensino e a sua consolidação e especificidades aparecem com as Diretrizes de 2000. A partir dos movimentos sociais e um governo mais sensível às causas populares, surge, em 2004, o documento “Políticas Públicas para a EPT”, apontando para uma aproximação da Educação básica/EB com a Educação Profissional/EP;
- pensar nos movimentos sociais é importante também no sentido de perceber que as primeiras experiências de educação integrada EB com EP é vivenciada no interior desses movimentos;
- a partir do movimento de reação contra o Decreto 5.478/2005 mudanças favoráveis na estrutura, inclusive na SETEC um novo grupo, mais sensível às causas populares, organizou uma equipe para elaborar o Documento Base do PROEJA e nessa discussão apontou-se para a necessidade da alteração do citado Decreto;
- o resultado dessa discussão foi o Decreto no 5.840/2006, que trouxe mudanças consideráveis à questão da carga horária; a abrangência do projeto aos sistemas educacionais estaduais e municipais e o envolvimento com as universidades federais, demonstram é um avanço significativo;
- o Documento base do PROEJA traz a preocupação com a formação de professores – especialização (2006/2007) e mais turmas (2007/2008). O Edital PROEJA/CAPES/SETEC – possibilitam a pesquisa e estudo para pensar e construir o conhecimento, constituir o campo do conhecimento. Um novo Documento Base do PROEJA, é editado, no sentido da integração do ensino fundamental/FIC (2007) e a inclusão do tema PROEJA na agenda da academia (ANPED, ANPAE), registrando a sessão conjunta de discussão EJA e EP na ANPED/2007;
- o PROEJA como política pública. É necessário pensar categorias importantes: concepções e princípios que reafirmam que o processo de aprendizagem das pessoas adultas é diferente; a importância da construção do conhecimento; a cooperação entre as esferas de governo e movimentos sociais; a construção do projeto político-pedagógico; da formação dos professores, financiamentos e infra-estrutura física adequadas;
- o conjunto desses pressupostos credencia o PROEJA como uma importante possibilidade de política qualificadora da EJA e da EP, ao mesmo tempo em que representa um grande desafio;
- a concepção da formação humana integral, trabalho, ciência, tecnologia e cultura como categoria central;

- a concepção ampla de tecnologia como construção social, produção, aplicação e apropriação de práticas, saberes e conhecimentos;
- trabalho como categoria central, como formação humana, como princípio educativo;
- aspectos relevantes para implementação do PROEJA como política pública: melhorar a relação entre as secretarias no próprio MEC; diálogo com o Proposta Política Educacional a partir do que existe. Maior articulação entre MEC estados e municípios e rede federal/EPT e criação e operacionalização do FUNDEP, na perspectiva de financiamento público para apoiar as ações a serem desenvolvidas;
- por último, não perder de vista que o processo deve respeitar o pressuposto da construção coletiva, espaço de formação continuada dos docentes, equipe dirigente e técnico-administrativos e o envolvimento dos sujeitos estudantes.

Exposição III– Prof^ª Jacqueline Maria Barbosa Vitorette /CEFET-GO

- Projeto de Curso Técnico Integrado em Serviços de Alimentação: finalidades e princípios fundamentais, construídos coletivamente com a preocupação de desenvolver de fato um trabalho integrado;
- objetivos do curso: educação sólida com conteúdo, rompimento com a dualidade ensino geral versus ensino técnico, formação crítica, trabalho como princípio educativo, a pesquisa como formação continuada, a interdisciplinaridade e a contextualização;
- o curso foi pensado buscando cumprir 4 eixos temáticos: trabalho-cultura e alimentação, conhecimento-tecnologia e alimentação, sujeito-desenvolvimento e responsabilidade sócio-ambiental e serviço de alimentação e mercado dessa gestão alternativa de trabalho e renda;
- ainda é um desafio a compreensão tanto dos objetivos como da dinâmica do trabalho com os eixos temáticos para o coletivo dos professores;
- desenvolveu-se uma pesquisa para compor o perfil dos alunos da primeira turma do PROEJA (Projeto Iniciação Científica CEFET/GO). A pesquisa contou com duas alunas do curso de Hotelaria e Turismo e ficou sob a orientação de duas professoras;
- o processo seletivo dos alunos é semestral nas etapas: sorteio, palestra e entrevista;
- a participação do CEFET/GO no Fórum Goiano de EJA, além de ser uma instância de debate e conhecimento do público da EJA, também significou um espaço para divulgação do curso;
- como instância de estudo e formação destaca-se o NUPEC - Núcleo de Pesquisa e Estudo das Ciências, envolvendo química, física, matemática e biologia na discussão das áreas e a relação com a educação; a Pesquisa desenvolvida com o CEFET-GO, UFG, UCG e UNB com o objetivo da troca de conhecimentos e ações na área de EP e EJA;
- essa formação é importante à medida que possibilita condições de um trânsito necessário entre as ciências exatas e humanas;
- a partir do Relatório da Visita SETEC-MEC CEFET – Go 27/06 e 28/06/2007, foi possível rever e fazer algumas mudanças na divulgação do curso, horário, processo seletivo, trabalho intensivo das áreas na leitura e escrita, exigência maior das aulas práticas, capacitação do corpo docente, organização da infraestrutura;

- a avaliação tem ocorrido na perspectiva formativa;
- limites e possibilidades do PROEJA: exige uma gestão democrática, rompimento com a formação cartesiana, trabalho coletivo, conhecer os sujeitos da EJA, compreender os princípios da educação integrada, metodologia apropriada para desenvolver o processo ensino-aprendizagem e, por fim, lutar para que o PROEJA seja consolidado como política pública.
- Depoimento dos alunos (anexo III).

Debate

Participação I – Mauro /pedagogo- CEFET (Inhumas)

- É importante registrar que na cidade de Inhumas o processo de organização do PROEJA está acontecendo e esse momento aqui é bastante significativo para todos que estão podendo participar. Como articular o trabalho do CEFET com outros municípios e com a realidade do estado de Goiás, que a educação não é prioridade na política do atual governo?

Participação II – Renato/educador- UNB (Brasília)

- Do ponto de vista de uma formatação curricular com as experiências já acumuladas, como poderíamos romper com a dualidade ensino propedêutico ensino profissionalizante? De que ponto se deve partir para organizar o currículo? Nós não poderíamos ter um currículo eliminando as disciplinas e centrando na problemática dos nossos educandos/as, ainda que por área do conhecimento para resolver os problemas apontados, a partir de uma pesquisa ação?

Participação III – Sebastião/educador- CEFET (Goiânia)

- Como avançar para uma concepção epistemológica mais clara para que todos os professores possam cumprir o papel emancipatório e não só o papel de formar para o mercado de trabalho? Como constituir o professor do PROEJA nessa visão de construção da emancipação?

Participação IV – Júlio César- CEFET (Jataí)

- Sobre a discussão da epistemologia da organização curricular pontuada pela professora Maria Ciavvata, seria importante refletir um pouco mais, pois a matemática que faz parte das ciências exatas, quando focalizada no campo financeiro, não se apresenta de forma isolada do mundo social. Na perspectiva do ensino integrado, não seria pertinente retomar algumas experiências passadas vivenciadas pelo CEFET, em que a cultura se fazia muito presente, com as bibliotecas, jogos, dança, arte e que fazia desse lugar um espaço significativo?

Expositores:

Prf^a Maria Aparecida Ciavatta

- O dilema da educação não ser prioridade dos governos é real. Vivemos um momento de desmobilização social. Além de tudo existem os grupos e partidos políticos que estão hoje no governo. Existem sempre iniciativas das instituições, mas é somente com a articulação e pressão política que poderemos assegurar as mudanças necessárias para essa sociedade. Como professores/as o papel é pensar nos sujeitos educando/as nesse processo de construção. Esse evento é uma forma importante de começar a refletir e repensar, a partir das experiências e indagações de todos os participantes.
- Em relação à dualidade, grande parte da intelectualidade e em setores mais avançados há uma convicção da superação. Nessa sociedade democrática os

movimentos sociais têm tido iniciativas. Mas com relação às escolas é preciso desenvolver o trabalho nos termos de Gramsci e Lukács. Em Lukács, o trabalho como fundamento na sua forma alienada e de exploração. Na visão de Gramsci, formar o produtor, mas também o dirigente, o governante. Possibilitar elementos da política, cultura e formação geral, enfim, abrir condições para uma atuação coletiva, ampla e crítica.

- Nós constituímos a nossa identidade a partir da formação de cada um. Retomando a experiência italiana sobre a construção do conhecimento a partir dos projetos, foi possível perceber os professores de diversas áreas nessa aula. É preciso descobrir como articular as áreas do conhecimento nos projetos e conseguir desenvolver a sistematização do conhecimento por meio das áreas, sem ficar no campo da improvisação, mas sem também permanecer no rigor e estreitamento da disciplina.
- É importante retomar as experiências anteriores dos CEFETs, embora as experiências não tenham sido as mesmas em todas as unidades. Mas sem dúvida, a diversidade de espaços e atividades contribuem para o processo de aprendizagem e para socialização dos alunos.

Profº Dante Henrique Moura

- É preciso que chegue a todos os alunos de todos os municípios a partir da lei maior. A constituição já existe para garantir esse direito a partir das mobilizações sociais dos sujeitos envolvidos.
- O caminho básico para resolver essa dualidade é assegurar uma educação pública, gratuita e de qualidade para todos, pois já estaremos rompendo com uma dualidade histórica, que é uma escola diferenciada para a elite e para os trabalhadores e, junto a isso, pensar uma outra concepção de educação.
- A questão de eliminar as disciplinas e partir da realidade e problemática dos educandos/as seria interessante se vista como metodologia complementar, embora seja muito difícil. Mas é preciso buscar.
- A dificuldade da articulação das disciplinas é o desafio que é necessário enfrentar, pois elas é que darão conta de assegurar de fato o conhecimento acumulado historicamente e que é direito de todos ter acesso.
- A importância da formação dos professores para garantir o compromisso dos mesmos com um ensino de qualidade e crítico é o que poderá permitir alcançar uma educação que busque de fato o projeto de emancipação.
- Nos CEFETS, atualmente, merecem reflexão os cursos integrados de nível médio sendo colocados de lado, em função dos cursos superiores. É preciso assegurar a ampliação de vagas para cursos integrados à tecnologia em nível médio, não só na esfera federal, mas estadual e municipal. Nesse sentido, é preciso questionar com o MEC e nossos dirigentes, sob o risco dos CEFETs perderem sua referência histórica.

Profª Jacqueline Maria Barbosa Vitorette

- Com relação à articulação da esfera federal com estado e municípios, a experiência que temos acumulado com a participação no Fórum Goiano de EJA tem sido de grande importância, tanto para fortalecimento do trabalho integral como acesso a um espaço de reflexão que traz aproximação com os debates pertinentes a essa modalidade de ensino.
- Ainda é um desafio romper com a perspectiva do trabalho puramente disciplinar. É sonho conseguir trabalhar conjuntamente as ciências humanas com as exatas, mas é preciso pensar a partir de duas disciplinas como, por exemplo, química e

filosofia ou história, garantindo a concepção de uma educação para a transformação, talvez seja um começo.

Debate

Participação V – Julieta/SETEC- MEC

- Relato da aula de química da professora Jacqueline, como conseguiu chegar à fórmula de densidade com os alunos?

Participação V I – Sebastião/CEFET (Morrinhos)

- Como deve ser nossa ação concreta para uma real efetivação do PROEJA como uma política de Estado?

Participação V I I – Luciane/CEFET (Ceres)

- A nossa experiência de trabalhar com esse público novo da EJA foi de grande dificuldade, mas muito gratificante. Como foi o trabalho no CEFET/GO nessa articulação do ensino com a vida do aluno?

Expositores:

Profª Jacqueline Maria Barbosa Vitorette

- O trabalho coletivo no CEFET/GO tem sido realizado com muitas dificuldades, desde a infra-estrutura até a composição do quadro de professores, mas muitos apresentam a vontade de realizar um trabalho diferenciado.
- No trabalho da coordenação, tem-se tentado sensibilizar os professores no sentido de avançar, mas muito tem que ser feito. Aqui no CEFET só tem um curso integrado com a EJA, então tem-se procurado trabalhar para expandir essa idéia, também para o estado e município. Em termos de pesquisa o CEFET é um espaço diferenciado. Assim, faz-se necessário registrar esse trabalho.
- A formação no campo das exatas não possibilitou uma compreensão das relações sociais que os homens desenvolvem ao longo da existência. Também não ensinou como atuar na área do magistério. Nesse sentido, desde cedo buscou-se estudos dentro da própria instituição, o que possibilitou uma formação profícua no PPGTE/PR, a partir dos estudos de antropologia, sociologia, história, o que tem contribuído para a seqüência do trabalho enquanto educadora.
- Sobre a questão da fórmula de densidade, foi um trabalho intenso de ir e vir tendo como referência a construção em conjunto com os alunos, inclusive respeitando o tempo de aprendizagem dos mesmos.

Profº Dante Henrique Moura

- O professor isoladamente não pode contribuir, mas ele, no seu espaço de atuação, pode propiciar condições e mobilizar os seus pares. O grupo precisa pressionar até chegar aos poderes de decisão para que o PROEJA se transforme em política pública.

Prfª Maria Aparecida Ciavatta

- A nível macro, do poder superior, não temos ainda a segurança da continuidade do PROEJA, por isso é extremamente importante todas as formas de mobilização envolvendo trabalhadores da educação e alunos, na expectativa de fazer do PROEJA uma política pública de Estado. E não esquecer a Universalização do ensino Médio.
- Alguns CEFETs vivenciam a experiência das semanas das áreas, exemplo: semana da química. Desenvolvem assim uma possibilidade de integração com as

outras áreas. É um procedimento importante, pois apela para a sistematização do conhecimento e assegura a aprendizagem.

- Por último, é preciso registrar a extrema importância dos CEFETs não perderem a referência do trabalho com o ensino médio.

(tarde) – Mesa redonda: O processo ensino-aprendizagem de jovens e adultos.

Essa mesa foi organizada sob a coordenação da professora Mad'Ana Desirèe Ribeiro de Castro, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás/CEFET-GO, e das expositoras, professora Simone Valdete dos Santos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, e Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca, da Universidade Federal de Minas Gerais/UFGM.

Exposição I – Prof^a Simone Valdete dos Santos/ UFRGS

- A exposição do tema deu-se a partir de um poema que traz a dimensão da luta e do luto da classe trabalhadora no Brasil pela carteira assinada e pela idiossincrasia do estado de bem estar social;
- um luto também para o acesso à escola regular e toda a complexidade de tecido social que vai se estabelecendo, sendo um diferencial estar ou não na escola;
- a empresa escravista, de alta complexidade, como revela a obra de Gilberto Freyre “Casa Grande & Senzala”, aproveita trabalhadores africanos para a exploração das minas e o cultivo no latifúndio;
- a exclusão da população trabalhadora da escola no Brasil compõe a ordem moderna. Para o êxito do processo de ensino-aprendizagem no PROEJA é pertinente refletir sobre a possibilidade de instaurar a desordem, conforme aponta Balandier (1997), pois propõe uma nova compreensão do imprevisível;
- a integração da Educação Profissional à Educação de Jovens e Adultos constitui um campo epistemológico e político inédito, com vistas ao aleatório;
- a Educação de Adultos no Brasil pode ser considerada, oficial, a partir de 1947, com a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA);
- a oficialidade da Educação Profissional ocorre com o presidente Nilo Peçanha, em 1909, no decreto n° 7566, de 23/12/1909, quando são criadas dezenove escolas de artes e ofícios, as quais dão origem aos atuais CEFETs;
- ao PROEJA, coloca-se o desafio de reconhecer as aprendizagens dos jovens e adultos trabalhadores enquanto componentes curriculares, ou seja, proporcionar uma *escuta sensível* dos saberes dos alunos para articulá-los aos conteúdos escolares, sendo esses desenvolvidos com projetos interdisciplinares de pesquisa, com envolvimento de grupos de professores e alunos, na integração do então denominado saber científico, constituinte histórico dos currículos escolares ao saber popular;
- novas formas de ensinar, para pessoas que aprendem das mais diversas formas (pela informática, pelo trabalho, pela televisão, pelo diálogo com familiares...) são emergentes.
- ao currículo integrado do PROEJA cabe evidenciar outras relações de trabalho para além do assalariamento, considerando o ser humano parte integrante da natureza, não como dominador, mas como construtor;
- a figura da desordem, pensada por Balandier (1997), a entrada dos alunos da EJA vem questionar a rotina da instituição. Nesse sentido, é preciso rever

espaços de aprendizagem, seus rituais, pois os alunos da EJA possuem outras responsabilidades e demandas;

- oficinas, saídas do campo, visitas técnicas, precisam adentrar ao currículo do PROEJA, possibilitando fruição aos bens culturais que os alunos da EJA há tanto tempo foram cerceados;
- é necessário reconhecer a necessidade dos professores frequentarem teatro, cinema, participarem de clubes de leitura, visitas a museus, centros de cultura; que tal agenda componha a formação continuada dos professores que lecionam no PROEJA, educando seu olhar para um campo de sensibilidades possíveis;
- no entendimento do aluno do PROEJA, como figura de desordem, é possível vislumbrar o currículo e o processo de ensino aprendizagem no PROEJA, como uma fagocitose da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos.
- o PROEJA não é um currículo de EJA, tampouco um currículo de Educação Profissional, mas um currículo voltado para pessoas que trabalham, ou que querem trabalhar;
- tais pressupostos de entendimento do currículo do PROEJA e de seus processos de ensino-aprendizagem compõem novas éticas em relação à escola, na percepção que o envolvimento do adulto com o saber resultará na aprendizagem das crianças, dos adolescentes, dos jovens, como já teorizava Álvaro Vieira Pinto.

Exposição I I – Prof^a Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca/UFMG

- O grande desafio é a inclusão. É o rompimento do paradigma da exclusão que sempre nos orientou na escola. É esse rompimento e a construção desse novo paradigma, que desconcerta, indaga, mas ao mesmo tempo justifica os esforços;
- esse evento possibilita reflexões e reafirma o compromisso dessa comunidade com construção de uma educação para todos;
- é esse compromisso que traz a preocupação de ressignificar os saberes escolares, os conhecimentos das disciplinas;
- é preciso que a escola perceba a importância de trabalhar valores culturais;
- é preciso nos dispor a aprender acolher como se dispõe aos adolescentes, jovens, adultos, idosos para assegurar na escola um lugar de sujeito de direito e de aprendizagem.
- a busca de significado e de sentido é latente entre os professores, pois são sujeitos de um processo;
- assim, a reflexão comum entre os professores: aprender a aprender como os alunos aprendem. Os alunos têm formas de aprender. Relação conflituosa do ensino-aprendizagem na escola. Resistência da escola em entender os processos de aprendizagem do aluno;
- é preciso que os educadores sejam pesquisadores, estudiosos, reflexivos, atentos, disciplinados na observação e no registro do fazer pedagógico, sensíveis e desarmados para conhecer os modos culturais de aprender dos alunos;
- não se faz isso por curiosidade antropológica, faz em resposta a demandas e das novas situações educacionais e dos novos processos de geração de organização e de transmissão dos conhecimentos veiculados pela escola;
- a tensão entre os setores culturais e os saberes escolares engendram relação de valores culturais e de poder;
- desafio de criar uma competência em que não fomos formados e buscar estratégias para essa formação. Debruçar, negociar, construir conhecimentos. É

questão de sobrevivência saudável para a educação escolar e em especial para esse país.

Debate:

Participação I – Sebastião/educador- CEFET (Goiânia)

- Reafirmar que para pensar o processo ensino-aprendizagem de jovens e adultos, por meio do PROEJA, faz-se necessário buscar o senso comum e criar condições pedagógicas de elevá-lo ao patamar do conhecimento sistematizado, ou incorporá-lo ao conhecimento escolar.
- Como seriam essas novas éticas?

Participação II – Renato/educador- UNB (Brasília)

- Ponderação e confirmação, na expressão da professora Simone, sobre a inserção da EJA, sujeitos educandos/as e educadores/as na teoria do caos, na relação dialética entre ordem e desordem e, com isso, remetendo-nos à teoria moderna das ciências, que é o princípio da incerteza. Dessa forma termina por considerar e contribui na reflexão, pontuada pela professora Maria da Conceição, em que a escola centrada nos saberes disciplinares também desenvolve aspectos disciplinadores e muitas vezes excludentes. Assim, pensar o currículo organizado na demanda dos educandos/as permite a produção do conhecimento mais integrado. Exige que o velho tenha que ser ressignificado e o novo possa emergir trazendo outra realidade.

Participação III – Geisa- CEFET (Goiânia)

- Comentar sobre o registro dos alunos e dos professores no processo de construção do conhecimento.

Expositoras:

Profª Simone Valdete dos Santos/ UFRG

- Novas éticas com novas estéticas na escola significa buscar a cultura e a sensibilidade para os novos conhecimentos em processo de construção na sociedade atual.
- Defesa dos diários de campo para os professores, memórias dos professores e a importância de incentivar e valorizar os registros dos alunos.
- Perceber a importância da aprendizagem que traduz na auto-estima dos educandos/as.
- Se a partir desse processo de aprendizagem propiciado pela escola os educandos tem a capacidade de crescer no trabalho ou conseguem um emprego, isso significa ter um espaço nessa sociedade.

Profª Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca/UFMG

- É imprescindível organizar e preparar, no processo ensino-aprendizagem de jovens e adultos, na expectativa de somar o conhecimento que os alunos trazem com os conhecimentos escolares.
- É preciso ensinar buscando o valor cultural e, para isso, faz-se necessário romper com os conteúdos prontos que seguem um roteiro linear e a EJA contribui para esse questionamento da gradação.
- Registrar as experiências vivenciadas na sala de aula permite as socializações e o repensar da prática, além de contribuir para uma análise coletiva. Assim, também o registro do aluno, fazendo o percurso da sua aprendizagem, muito pode auxiliar na construção do conhecimento.

Anexos

Anexo II

Aceleração no DF

- ✚ Causou transtornos a toda à comunidade escolar, pois ao início do ano letivo quando os horários já estavam prontos obrigou a formação de novas turmas mexendo com a distribuição de carga horária (isto levou algumas semanas para ser feito).
- ✚ Uma vez formadas as turmas, na nossa escola (o CEM 03) não mandaram professores e os alunos ficaram sem aulas pela escola.
- ✚ Não há, até o momento, a proposta de como a coisa deve funcionar. Especula-se que deve ser alguma já pronta do tele curso da Fundação Roberto Marinho. Aqui cabe um parêntese: como é que algo funciona sem a proposta que o define?
- ✚ O material a ser adotado é uma grosseira adaptação de um que foi adotado em São Paulo, trazendo inclusive o nome da equipe política do governo estadual paulista na primeira página.
- ✚ Houve uma redução no tamanho das equipes das direções, o que torna difícil cuidar pedagógica e administrativamente das escolas, principalmente as grandes.
- ✚ Segundo informações de colegas que trabalham com o ensino fundamental, a situação é mais caótica, pois se coloca em uma mesma sala-de-aula alunos da 5ª a 8ª séries. Fica claro que não há uma preocupação com a qualidade do ensino, mas somente com dados estatísticos futuros.
- ✚ Em um primeiro momento seriam, no caso do ensino médio, automaticamente matriculados todos os alunos com mais de 17 anos em turmas de aceleração. Em um segundo momento resolveu excetuarem os alunos que estão no processo seletivo do PAS-UNB e aqueles que não quisessem participar da aceleração.
- ✚ De início alguns alunos e pais acharam a idéia boa, porém diante da falta de professores e, talvez, devido a enorme disparidade entre realidades distintas em uma mesma turma, eles passaram a ver de forma negativa a aceleração, pois não favorece um aprendizado de qualidade para o aluno. Houve entre pais e alunos quem cogitasse se o EJA que já temos em nossa escola nos turnos vespertino e noturno não seria uma alternativa mais viável.
- ✚ A aceleração vem a contrastar em muito com a proposta da educação integral tão alardeada no final do ano passado e que teve até uma secretaria específica de governo criada para tanto. É bom que se diga, no entanto, que ao que tudo indica educação integral não necessita, para o GDF, de escola com tempo integral. É isso mesmo! Aqui cabe outro parêntese: Como é que vai se fazer, ou antes, o que é educação integral, sem escola de tempo integral?

Miguelângelo e Luciano
(Coordenador e orientador educacional)
Centro de Ensino Médio III (Brasília)

Anexo III

Depoimento 1 – Aluno Erivaldo – CEFET-GO

Meu nome é Erivaldo Alves de Oliveira. Sou aluno do Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás, o CEFET, e estudo no curso Técnico de Serviço de Alimentação. Eu estudo na modalidade PROEJA e foi muito gratificante pra mim estar entrando neste curso, e porque é através dele que eu consegui realizar alguns sonhos na área do trabalho e profissional, apesar de eu ainda tá estudando. Eu sou aluno da primeira turma. Agora eu tô no quarto período e a trajetória da história aconteceu em 2006, quando eu procurei a escola pra participar desse curso, dessa área. E daí em diante, eu comecei a ter mais afinidade ainda com a área. Eu comecei a aprender mesmo, igual uma profissão, a ter conhecimento mais de algumas coisas que eu não sabia. Isso influenciou muito e tá influenciando muito na minha vida profissional e na minha vida particular, porque eu tô satisfeito com o que eu tô fazendo. E, assim, pra relatar alguma coisa, eu tenho pra relatar esse emprego em que eu tô trabalhando onde eu tive oportunidade de concorrer a uma vaga. Eu tive dificuldade na hora de fazer o processo, porque teve provas de muitas coisas que eu ainda não tinha conhecido, eu não sabia. As provas de Português, de Matemática e de todas as áreas e da área do curso. E eu me saí bem na prova, consegui esse emprego, e graças ao CEFET. A importância que tem de ter esses cursos pra qualificar os profissionais, porque, quando eu fui procurar essa vaga lá, eles estavam contratando somente universitários de qualquer curso. E eu tive a ousadia de ir lá e mostrar o meu curso, mostrar os meus conhecimentos, mostrar a importância de ter alguém com qualificação na área. E acabei sendo contratado, concorrendo com os universitários. E achei bom também porque nem todo mundo sabe tudo, né? Aí consegui essa vaga lá e tô trabalhando, tô satisfeito. E tudo que eu aprendi aqui, tudo que eu aprendi aqui foi essencial, principalmente na hora da minha contratação e, muito importante, na seleção, nessa vaga em que eu tô trabalhando, né, tinha cinco mil candidatos, tudo com curso superior, e eu o único intruso lá, né, digamos assim. *[sorrindo]* Aí quando a gerente de cozinha que tava me entrevistando perguntou pra mim assim, qual a importância da segurança na cozinha, aí eu logo lembrei das aulas da professora Rosana, das aulas de Qualidade e Segurança Alimentar, que tem essa disciplina no curso que eu faço. Eu lembrei dela porque ela bate sempre nessa tecla, sobre a contaminação cruzada, sobre a questão de uma cozinha ser comparada com um centro cirúrgico. Porque, no caso de algum problema, vai morrer é o paciente,

né? E na cozinha, é o cliente. Aí eu lembrei que ela falava que tem que ter o armazenamento correto dos alimentos, pra não ter contaminação cruzada, pra evitar a contaminação dentro da cozinha. A higiene pessoal nossa também, né? E foi importante porque a gerente de cozinha falou que nunca tinha ouvido isto de nenhum dos candidatos dela, né? Aí eu fui e falei pra ela a importância de as pessoas ter conhecimento dessa área, por que às vezes vai outras pessoas que não têm conhecimento e acaba fazendo algo de errado. E isso não é bom. E como a empresa é uma empresa multinacional, uma empresa que tem no mundo quase todo, eles têm muita preocupação com a questão de segurança alimentar. Porque vai que dá algo de errado, ninguém mais vai querer frequentar lá, né? Então, eles têm esse ponto em comum, e eu acho que isso foi fundamental eu ter falado pra ela, acho que o que caracterizou e deu nome, assim “você tá contratado”. Porque, talvez se eu não tivesse mostrado os conhecimentos que eu adquirido aqui no CEFET, eu acho que eu teria sido mais um. E o melhor de todos ainda é que, profissionalmente, a empresa paga bem. Hoje eu tô satisfeito com o que ganho. Eu ganho, às vezes, até mais que muitos universitários ganham trabalhando na sua própria área. Já consegui realizar meu sonho, com poucos meses que eu tô lá, eu já comprei a minha moto. Então eu tô muito satisfeito. Ganhando bem, fazendo o que eu gosto, estudando onde eu gosto, aprendendo o que eu gosto. Esse curso ele é muito importante. E não só esse curso, como outros cursos também são importantes. Essa modalidade de curso, que é de Educação de Jovens e Adultos, é mais importante ainda, porque muitas das pessoas que pegam esse tipo de curso, são pessoas excluídas do mercado de trabalho e excluídas da educação. Então, essas pessoas tão sendo inclusas, é coisa maravilhoso essas pessoas tá sendo inclusas. É educação e é educação profissional junto. Então, é importante, sim, ter esses cursos no CEFET e em outras instituições públicas. Essa qualificação profissional pras pessoas. Porque talvez se eu não tivesse entrado no CEFET, eu acho que não teria conseguido a vaga que eu consegui. E hoje, graças ao CEFET, pelos conhecimentos que eu adquiri através desse curso, eu sou destaque em qualidade do mês na empresa. Eu sou muito bem visto perante os colegas de trabalho. E assim, falando de educação, educação é essencial. Porque, se não tiver educação, junto com a qualificação profissional, que é o que o CEFET está fazendo conosco, dando essa oportunidade, mostrando que a gente tem potencial, tanto com aprendizagem, junto com o ensino médio, junto com a qualificação profissional, isso é essencial. Então esse programa, esse projeto que está sendo desenvolvido aqui no CEFET, é muito importante. Porque

senão, quantas pessoas que não tem qualificação profissional vão ficar lá fora do mercado de trabalho? Eu tô incluso no mercado de trabalho graças ao CEFET, graças ao curso. Se não fosse esse curso eu não tava incluso, eu tava desempregado, por que eu ia trabalhar de quê? Tava procurando fazer outras coisas. Um bico aqui, um bico ali. Não. Então, a importância do curso é essencial. Temos que valorizar, tem que ter investimento, tem que ter muita qualificação também de professores. Porque nós alunos estamos ganhando qualificação quando o professor também ganha. Isso é importante. Então, por exemplo, se viesse a acabar o curso agora, se chegasse a acabar, como é que ficaria, a situação do serviço de alimentação? Porque tá com uma demanda grande de profissionais, e o CEFET está qualificando profissional de graça. Um curso, quer dizer, se eu fosse pagar um curso da área de serviço de alimentação, eu já tive pesquisando nas universidades, um curso em nível superior, é oitocentos, novecentos. E eu não tenho essa condição. Não tinha essa condição de pagar, né? *[sorrindo]* E agora, com essa oportunidade que o CEFET me deu de aprender aqui uma profissão, agora eu pretendo fazer um curso superior na área de Gastronomia ou Gestão de Alimentos.

Depoimento 2 – Aluna Sônia – CEFET –GO

Meu nome é Sônia Moreira dos Santos Amorim, eu fui alfabetizada no ano dois mil. Até o ano dois mil, eu sentia totalmente cega. Assim, cega porque a pessoa que não tem estudo ela é cega perante a sociedade, perante a vida acadêmica, em tudo. Então isso tem um peso muito grande na vida da gente que é analfabeta. E como eu morava no interior, na fazenda, assim, meu pai com oito filhos, a gente tinha muita dificuldade pra estudar. Eles também são analfabetos, meu pai. Assim, eu venho de uma família totalmente analfabeta, pai, mãe *[interrupção, chorando emocionada]*. Na verdade, uma pessoa trabalhando na roça, oito filhos, como eles, não tinham nenhuma formação acadêmica, nada, então não preocupavam em passar isso pra gente. Passavam muito amor, muito carinho, passaram muita honestidade pra gente, mas esqueceram esse essencial que é estudar. E com isso, eu tinha muita vontade de estudar e, assim, aos doze anos a gente foi morar mais próximo da cidade. Mas eu já ficava com vergonha de ir pra escola. Eu, assim, pensava: eu vou chegar na escola desse tamanho... Porque lá era tudo numas salas mais ou menos desse tamanho *[sala da entrevista]* em que estudava desde o primeiro ano primário até o ginásio. Era separado por turno, né? À tarde estudava o ginásio e de manhã os, assim, o contrário. Então eu ficava com vergonha,

não ia. Depois eu vim pra Goiânia, eu já vim pra trabalhar de doméstica. E naquela época as patroas tinham muito interesse que a gente não estudasse e nem permitiam que a gente tivesse contato com as outras empregadas domésticas. Porque seria uma forma de ter a gente ali com elas. Porque se a gente fosse conversar com outras, elas iam falar de escola, de outras coisas, iam falar de um outro mundo que a gente não conhece. Porque a gente era acostumada só com as coisas de fazenda. E aí casei, com dezessete anos e continuei minha vida, tenho três filhos. E meu marido forçava assim. Falava tanto pra mim estudar, mas eu ficava com aquela vergonha de ir pra escola, eu ficava, assim, envergonhada. E, aquela necessidade e tanta vontade de estudar, mas ao mesmo tempo o medo e a insegurança não deixavam eu ir pra aula. Aí eu fiquei sabendo que lá no Maria Auxiliadora tinha um curso de alfabetização pra adultos, à noite. Aí uma amiga minha, que é professora, Solange, ela foi e me matriculou e foi até interessante, porque ela falou pra mim: “se você não vier eu vou na sua casa te buscar”. E eu fiquei com medo e não queria deixar que ela fosse lá em casa. Aí eu peguei e fui pra escola, mas pensando: ah, eu vou chegar lá vão me chamar de tia, de vó, porque eu achava que era só menininho de primário, né. E pra mim foi uma surpresa quando eu cheguei lá no pátio do Maria Auxiliadora. E eu olhava aquelas mulheres mais bem arrumadinhas e pensava: aquela ali deve ser a professora, aquela deve ser a diretora. E não era, eram todas colegas que tavam no mesmo patamar que eu. Ai eu comecei na primeira série primária. [voz embargada] E é uma coisa assim tão gratificante, tão emocionante ver como que tem pessoas disponíveis, sabe. Tem professores que nasceram pra ser professores. Tem professores que nasceram pra ter status, né? Não pra ser professores mesmo. Essa minha professora pegava, ajoelhava na frente da minha carteira, pegava a minha mão pra me ensinar a escrever o meu nome. [voz embargada] Então, assim, é uma pessoa que eu tenho em alta estima. Porque era aquele carinho total. E aí eu fiz o primeiro ano em um mês, depois eu passei pro terceiro ano, depois fui pra quarta série. Tudo em três meses. E aquilo não entrava na minha cabeça, porque eu não sabia nada. Porque tavam me passando? Eles falavam que é por que era acelerado. E fui pra quinta série. Aí eu fiz lá o ginásio e o primário, no Auxiliadora. Aí parei. Depois o meu filho ficou sabendo do CEFET. Ele então me inscreveu. E eu vim pra cá sem saber nada. Não sabia nem do que se tratava o curso. Aí foi outra experiência, assim, muito boa, porque a gente vê falar do CEFET, assim, com esse nível do CEFET, e nunca imaginava que eu poderia tá aqui um dia. Tenho dois filhos que passaram por aqui. E eu vinha, assim, passava pelo CEFET e ficava imaginando: ai, meu deus, quem me dera eu no CEFET.

Então foi uma emoção muito grande quando eu vim pro CEFET. Eu acho, assim, não sei o nome da pessoa que fez a minha matrícula aqui no CEFET, porque eu fiz a matrícula quase chorando. Eu tava tão emocionada na hora de vir pra esse curso. E foi assim muito gostoso. Eu acho que todo mundo deveria investir mais nesse curso.[*enfática*] Assim, dar oportunidade pras pessoas. Da mesma forma que eu tô tendo essa oportunidade eu gostaria que as outras pessoas também tivessem. Assim que os professores, os diretores, assim, todos dessa área da educação voltassem mais pra jovens e adultos. Porque é tão difícil pra quem não sabe ler. E é tão gratificante quando a gente começa ir formando, juntando essas letrinhas e formando as palavras. Isso é muito gratificante pra gente. Aí eu tô fazendo o curso de técnico de serviços de alimentação. Eu tô no quarto período. Esse ano, eu já trabalhei na minha área. Foi, assim, muito gostoso. Tinha um evento do Sindiposto. Foi lá no CEO da OAB, e eu fui, trabalhei como garçoneiro. E foi muito bom por que eu... assim, aqui, no laboratório, eu tive todas as aulas com a professora Renata. Ela mostrando pra gente, assim, como que é uma cozinha, como que é um buffet clássico. Aquela coisa toda e aquela exigência do laboratório e eu não sabia como é que era isso fora. E eu cogitei vivenciar isso lá nesse evento que eu trabalhei. Que era um evento pra mil e quinhentas pessoas, e lá na cozinha, toda aquela preparação... Então aquilo foi muito gostoso. E ao mesmo tempo, assim, a cada passo eu ficava me lembrando aqui do CEFET. Porque eu aprendi essas coisas todas aqui no CEFET. Então, assim, não tem nem palavras pra falar sobre isso.